

Tragédias, Batalhas e Fracassos as derrotas brasileiras nas Copas do Mundo (1950-1982)

Apresentação

2010

Cena 1

A fotógrafa Annie Leibovitz faz um ensaio para a revista americana Vanity Fair com jogadores de futebol usando cuecas com as cores de seus países.

Corpos negros, brancos, corpos jovens malhados, sarados, os músculos definidos com cuecas coloridas.

Na capa da revista Cristiano Ronaldo, de Portugal e Didier Drogba, da Costa do Marfim. Na pagina dupla, no centro o brasileiro Kaká de calça jeans de cós baixo com a beira da cueca verde e amarela aparecendo.

Toda a mídia em torno disto afirma “que não é só mulher bonita que vende revista”.

Cena 2

Na mídia, no dia seguinte da convocação da “Seleção de Dunga” para a Copa 2010, aparece um negro com cabeça meio raspada, sorriso suave, corpo coberto pela camisa da seleção brasileira ou por camisa social, um pouco envelhecido, nascido em 1976, experiente, o mais velho da seleção. Aparece na mídia dando conselhos, falando das dificuldades de sua carreira, dizendo da solidariedade que é necessária para uma seleção alcançar a vitória. Gilberto Silva.

1958 – 1970

Duas cenas

Eu mal tinha acabado de nascer quando o Brasil ganhou sua primeira Copa do Mundo.

Só sei das duas primeiras Copas o que meu pai sempre me contou. Meu pai me ensinou a beleza do futebol, a aventura de a um estádio assistir um jogo, o sofrimento do torcedor quando seu time não consegue vencer.

Da Copa de 1970 eu me lembro. Lembro-me dos papeis picados, dos gritos, da gritaria nos gols. Mas que tudo me lembro da celebração no dia que fomos campeões.

Na minha família uma parte amava o futebol, não havia nada que os tirasse de um jogo. Outro lado dizia que o futebol era o ópio do povo e que a ditadura militar estava usando a Copa para alienar o povo brasileiro.

No dia da vitória final toda minha família, toda ela, desceu para a avenida principal da cidade: a avenida Afonso Pena no centro de Belo Horizonte. Todo mundo junto, todos sem exceção ficou naquele lugar comemorando. Não me lembro do que cantávamos, do que gritávamos, mas me lembro de muita gente, muita gente feliz.

Imaginei que se a ditadura queria que fôssemos alienados ela fez a coisa errada porque aquele foi um dos poucos momentos em que eu vi minha cidade inteira no mesmo lugar. Em nenhuma outra comemoração foi assim, só naquela.

1978 – 1982

Duas peças

“Campeões morais” e a “tragédia do Sarriá”, duas peças que foram pregadas nos brasileiros. A primeira peça com um roteiro insólito, um treinador militar e uma seleção que não perdeu um jogo, empatou quase todos e foi derrotada. Derrotada e a Argentina é campeã. São cenas de uma farsa burlesca que ninguém conseguia entender.

Mas o pior estava por vir. Uma tragédia: a derrota do futebol-arte para a Itália. Sem comentários.....

O jogo

1º Tempo

O trabalho de Leonardo se tornou um dispositivo de memória que produziu estas cenas/encaixes, foi uma ferramenta que trouxe lembranças. Uma memória lacunar que acionou tentativas de conexão dos fragmentos de tempo-presente.

Aqui o dispositivo principal, em uma primeira mirada, parece ser a Copa do Mundo de Futebol. Mas trata-se de entender a construção de uma identidade de gênero de maneira relacional.

Leonardo busca na mídia as “estratégias discursivas para reforçar, reafirmar e, se necessário, renegociar masculinidades hegemônicas em determinados contextos em ela se encontre ameaçada”.

Mas para além de minhas lembranças a costura que Leonardo faz em seu trabalho nos traz inovadoras discussões sobre “o processo de construção, transformação e renegociação da masculinidade e a sua relação com o envelhecimento, através das narrativas e das imagens (discursos) produzidas pelos meios de comunicação e pela crônica esportiva para dar sentido e explicar o fracasso nas Copas do Mundo entre 1950 e 1982.”.

Lentamente a imagem dos corpos no gramado foi mudando. Aqueles homens de varias alturas, de variados corpos, de pernas tortas, de meias arriadas no tornozelo não existem mais.

Os tempos atuais nos trazem um corpo limitado temporal e espacialmente, um corpo circunscrito. O corpo do jogador circunscrito ao campo da experiência de um determinado esporte. Um corpo moldado/talhado para o campo de batalha do futebol. Em alguns momentos chamam a cena um corpo crivado de estímulos e informações, o corpo da experiência do campo, da sabedoria adquirida em vitórias e derrotas. Este é às vezes aclamado como o corpo-experiência-ensinamento, o corpo Gilberto Silva da Copa de 2010. Aparece na mídia como o mais velho, aquele que já conhece o fracasso, pode ser liderança, mas também pode ser responsabilizado pelo fracasso. Este é o corpo embotado

Ou, o corpo-midiático que carrega mensagens do mundo do consumo e cores da pátria em cuecas. Este é um corpo fragmentado e sem a experiência daquele outro embotado, mas aparece como o lugar por excelência da potência, em todos os sentidos. Um corpo quase nu, com definição geográfica, um painel de significados, representando seus países na Vanity Fair.

O trabalho de Leonardo mostra que lentamente foi mudando a imagem dos corpos no gramado. Aqueles homens de várias alturas, de variados corpos, de pernas tortas, de meias arriadas no tornozelo não existem mais. Agora temos homens-painéis, não carregam mais tabuletas ou placas publicitárias, são seus corpos, seus músculos, seus membros os suportes publicitários.

Mas também estamos no mesmo momento em que o ícone dos corpos preparados para o futebol, do corpo moldado para o esporte, desabafa em frente às câmeras de televisão: “tenho 33 anos, 8 operações no meu corpo e muitas dores”. Ronaldo, três vezes eleito o melhor jogador do mundo, é uma imagem desoladora daquele que já foi chamado de Fenômeno.

2º Tempo

Fundamental no trabalho de Leonardo é a rediscussão que propõe a questão do conceito de gênero. Incorpora ao envelhecimento a masculinidade. Neste trabalho os jogadores de futebol não aparecem simplesmente como homens e sim como portadores de variados graus de masculinidade. Uma masculinidade que viaja pelos campos de futebol reforçando ou questionando os múltiplos significados de ser homem/jogador de futebol.

“A masculinidade, além de plural é relacional e negociada dependendo do contexto em que os homens se encontram.”

Uma viagem pelas temporalidades do ser masculino pela rota dos sentidos de vitória e derrota. No caso do Brasil, onde vivemos da necessidade de vitórias falar de derrotas pode parecer um “gol contra”, mas o trabalho de Leonardo nos mostra como é neste exato momento que podemos alcançar a “compreensão do processo de construção, transformação e renegociação da masculinidade e a sua relação com o envelhecimento”.

45 do segundo tempo

Da minha janela escuto quase sempre:

“cachorrada” (os atleticanos) ...

“bicharada” (os cruzeirenses) ...

São estes os sons ao final de mais um clássico das Minas Gerais: Atlético X Cruzeiro. Gritam assim também quando qualquer um destes dois times joga com outros adversários. As torcidas gritam, buzina, soltam fogos. Mas principalmente acham muito importante atingir a masculinidade do time que é eleito historicamente como o principal inimigo. Os grandes clássicos são jogados no campo, mas continuam nos outros jogos das tabelas dos campeonatos. Aquele que derrota nosso principal inimigo passa a ser alvo de nossos aplausos e o inimigo derrotado é vaiado, achincalhado, destruído.

Isso só muda quando é Copa do Mundo. Quando a seleção brasileira perde as cidades são invadidas por um silêncio atarrador. Nada se move, a pausa do controle remoto é apertada por um segundo e a vida para. Não conseguimos nem gritar, por mais que em nossos corações queiramos questionar a masculinidade dos inimigos (principalmente dos argentinos) o silêncio é mortal.

É neste instante de suspensão do tempo que começamos a criar os culpados da derrota, do fracasso, e eles são sempre velhos, tortos, acabados e às vezes pouco másculos.

Regina Helena Alves da Silva